

*Discurso por ocasião da cerimônia de
inauguração da fábrica da Honda
Automóveis do Brasil Ltda.*

SUMARÉ, SP, 6 DE OUTUBRO DE 1997

Senhor Governador de São Paulo, meu companheiro Mário Covas; Dona Lilé; Senhores Ministros de Estado que me acompanham; Senhor Senador; Senhores Parlamentares; Senhor Presidente da Assembléia; Senhor Presidente da Honda Mundial, Senhor Nobuhiko Kawamoto; Senhor Prefeito de Sumaré, Antônio Dirceu; Senhor Presidente da Honda do Brasil, Koichi Kondo; Demais autoridades; Funcionários da Honda; Senhoras e Senhores,

O Governador Mário Covas disse que hoje é um dia de festa, e é verdade. E ele disse que eu seria padrinho da Honda. Então eu sou compadre dele. Porque ele e os diretores da Honda é que são os pais da criança que está nascendo, que é esse Civic. E eu fico muito contente de mais uma vez ser compadre do Governador e contraparente da Honda. Acredito que os brasileiros todos ganharão com este fato. E, embora estejamos aqui, numa manhã alegre, portanto numa conversa descontraída, a verdade é que eu queria felicitar muito ativamente, muito calorosamente ambos: o Estado de São Paulo, Sumaré, e a Honda. Essas coisas não acontecem por acaso. Não se decide colocar uma fábrica num país distante, nem se escolhe um local por acaso.

O Presidente mundial da Honda disse, aqui, que a Honda tem um conceito, tem uma filosofia. Isso é muito importante. A Honda não parte simplesmente para uma guerra de mercado, ela parte para a construção de alguma coisa nova, tecnologia. É um modo de trabalhar, é uma relação social com os empregados. Incorpora, portanto, uma filosofia. E, por isso mesmo, quando escolhe o local, escolhe dentro desse contexto. São Paulo não foi escolhido por acaso e não deu facilidade. São Paulo foi escolhido porque está sendo bem governado. E esta é uma região que tem prosperidade graças ao trabalho de todos que aqui labutam, em São Paulo e nesta região. É por isso que hoje é possível oferecer essa opção que foi tomada pela Honda como uma escolha feliz de colocar esta fábrica aqui em São Paulo

O Governador Mário Covas disse, com generosidade, que nada disso seria feito se não houvesse um plano de estabilização. É certo. Mas não haveria um plano de estabilização com sucesso se não houvesse governadores como o Governador Covas, que enfrenta os problemas e resolve os problemas saneando o Estado sem temer as conseqüências. É por isso que nós, hoje, podemos dizer à Honda que ela escolheu bem. Aqui se trabalha, aqui se tem prosperidade como fruto de um esforço, e de um esforço coordenado.

E eu quero também dizer a todos que aqui estão e aos que vão me ver, ouvir ou ler, que esse mesmo espírito que existe na Honda, existe, hoje, no Brasil. Nós temos um conceito também. Nós temos uma filosofia também. Nós estamos lutando, todos, para manter a estabilidade, acrescentar riqueza ao país pelo crescimento econômico e fazer com que haja uma participação crescente da população no bem-estar gerado por essa riqueza. E tudo isso dentro de um marco, que é o da democracia. Nós, aqui, não começamos simplesmente por acaso, nós fortalecemos a democracia. Aqui não se trata de um país de consumidores só, é um país de cidadãos que opinam, que escolhem, que tomam decisões, que vão escolher, como consumidores, certamente, mas que não restringem as suas opções ao consumo. Têm muito a dizer sobre o conjunto do país, sobre o rumo do país. A democracia foi a base a partir da qual nós reconstruímos um momento de crescimento deste país, que

permitiu que a Honda viesse para cá. A partir dessa idéia a estabilização se impunha, porque sem a estabilização nenhuma empresa podia planejar e nem o pobre podia comer. Eu não digo nem consumir automóveis. Comer. Hoje começa a consumir automóveis.

Recentemente vi uma pesquisa de uma das fábricas de automóveis no Brasil, onde se dizia que 40% dos seus empregados já dispõem de um automóvel. Há poucos anos isso era uma questão de 1 ou 2%, então, comparando com os dados de hoje em dia, percebe-se que essa transformação está baseada num conceito de democracia, que leva a que o crescimento econômico se multiplique, não fique concentrado, haja uma transformação efetiva da sociedade, que sabe, também, que isso só ocorre se houver competência e seriedade. Competência requer tecnologia, universidade, dedicação. E seriedade requer governos honestos e cidadania ativa para controlar as decisões que são tomadas em qualquer nível no nosso país.

Hoje, temos estabilidade, democracia. Retomamos o crescimento. O Governador Mário Covas e o Ministro Sérgio Motta saem daqui para inaugurar uma fábrica, a Alcatel. São mais 800 milhões de terminais da Alcatel. Toda semana, em algum lugar do Brasil, nós estamos vendo fábricas novas. E só os desavisados imaginam que o Brasil está se desindustrializando, ou imaginam, porque a Honda está aqui, que não haverá brasileiro trabalhando e o setor nacional vai perder. Não, o setor nacional vai crescer também, porque temos os fornecedores de peças e porque crescentemente haverá um entrosamento dos capitais. E porque nós fizemos pesquisas, recentemente, que mostraram que todos os grandes grupos nacionais não apenas permanecem, como cresceram no Brasil depois do Real, todos os 33 principais grupos nacionais. Não houve nenhuma desnacionalização nem com as privatizações. O que houve foi uma modernização com a retomada do crescimento e uma crença de que nós hoje podemos planejar, porque as coisas vão acontecer, porque há estabilidade econômica, estabilidade política.

Mas, tudo isso, Senhores, conta mesmo porque se começa também a sentir os frutos, do ponto de vista do país, da sociedade, do povo, dos esforços que estão sendo realizados. Para não dizer que eu escolho um ou

outro, citarei dois jornais de São Paulo hoje, *O Estado de S.Paulo* e a *Folha de S.Paulo*. Em *O Estado* podem ler um editorial sobre a situação da saúde, e verão que os gastos *per capita* na saúde, neste Governo, aumentaram consideravelmente. Mas, consideravelmente, quase dobraram. Se tomarem o conjunto dos Estados, municípios e União, quase dobraram.

E na *Folha* verão que os esforços de São Paulo – água, esgoto e a nutrição também – estão tendo como resultado a melhoria efetiva de condição da qualidade de vida da população. Isso tem como consequência a queda da mortalidade infantil, a queda do problema que antes era angustiante, que hoje já está em via de ser solucionado aqui em São Paulo, que é o da desnutrição, e portanto da saúde das mães também.

As coisas vêm juntas. Não se trata de primeiro isso e depois aquilo, as coisas vêm juntas na medida que visam a um conceito, que eu já havia anunciado, de um país que sendo democrático cresce para o benefício do seu povo.

A Honda se junta a isso. E se junta com o objetivo claro – aqui foi dito: vai exportar. É a primeira consequência do novo regime automotivo. Eu quero mencionar o Senador Serra, que batalhou por esse regime, quando foi Ministro do Planejamento, e que permitiu que o Brasil, depois de 21 anos – está lá escrito – voltasse a ter novas montadoras, além de que todas aqui instaladas, todas, sem exceção, se multiplicassem. Eu digo sempre que, se antes as indústrias de automóveis estavam em São Paulo e em Minas, hoje estão em São Paulo, Rio, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Goiás. E, em cada um dos Estados iniciais, como São Paulo, vai numa velocidade muito maior, ainda. Há uma transformação efetiva desse conjunto de atividades que se vê claramente que essa transformação hoje é palpável. Há, portanto um conceito envolvido nisso, e quando a Honda vem, transforma São Paulo em base para sua exportação para o Mercosul, está simplesmente atestando que o nosso rumo está certo, e além de atestar está colaborando nesse rumo.

Termino, portanto, ao agradecer mais uma vez as referências amáveis que me foram feitas por todos que aqui falaram e dizendo uma só frase: o futuro do Brasil é agora; já começou.

Muito obrigado.